

ANA CRISTINA VASCONCELOS PEREIRA DE MACEDO

A Escrita de Ilse Losa para a Infância e a Juventude

Dissertação apresentada à Universidade dos Açores para obtenção do grau de Doutor em Estudos Portugueses, realizada sob orientação científica da Prof. Doutora Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva e do Prof. Doutor José António de Magalhães Gomes.

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

PONTA DELGADA

2015

Agradecimentos

À Alexandra Losa, por me ter recebido em sua casa e me ter possibilitado o acesso aos arquivos que a mãe, Ilse Losa, deixou. Agradeço, acima de tudo, o afeto com que sempre me acolheu e a primeira edição de *Duas Peças Infantis* (1962) com anotações e correções manuscritas de Ilse Losa – presente que conservarei com carinho.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva, pelo acompanhamento, pela disponibilidade, pela sensibilidade, pelo rigor e pela partilha de conhecimento.

Ao Professor Doutor José António de Magalhães Gomes, meu (co-)orientador, que sugeriu o estudo da escrita de Ilse Losa e me deu a conhecer a Autora. Creio ser este o espaço para registrar o meu reconhecimento pela forma como sempre e tão abertamente partilhou o seu saber, como soube escutar as minhas dúvidas, que eram (e são) muitas, desde a minha entrada na escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, como Assistente de Literatura, em 2003, contribuindo sobremaneira para a minha formação – com ele (também) aprendi a *ser professora*.

Aos meus alunos – os que já não são e os que ainda são – por terem sabido compreender e desculpar os dias menos bons, pela preocupação e pelo estímulo manifestados nas suas perguntas ansiosas sobre o progresso do meu estudo.

À Professora Doutora Blanca-Ana Roig Rechou, pela forma calorosa com que sempre me recebe em Santiago de Compostela, pelos livros de teoria literária oferecidos, pela preocupação e pela atenção neste meu percurso académico.

Aos meus amigos, pelo cuidado, pelo apoio e pela boa disposição. Um agradecimento especial ao Filipe Lopes, ao José Freitas e à Sílvia Cruz pela disponibilidade e pela benquerença.

À Sara Reis da Silva, pela amizade e pelo entendimento partilhado da literatura como *forma de estar*.

Ao Júlio, pela paciência, pela presença, pelo estímulo final.

Ao meu núcleo familiar – pais, tios maternos e irmão – em especial a minha mãe e a minha avó materna (*in memoriam*), que me ensinaram a *ser*.

A Ilse Losa,
pelos livros que nos deixou

Índice

I. Introdução	3
1. Entre duas memórias – a vida e a escrita de Ilse Lieblich Losa	9
1.1. Elementos para uma biografia	9
1.2. A Obra – Ficção narrativa e crónicas para adultos (1949-1997)	15
1.2.2. Narrativa e literatura dramática para crianças (1949-1993)	24
1.2.3. Obra pedagógica	28
1.2.4. Colaboração na imprensa	29
1.2.5. Tradução e retroversão de livros (1954 – 1982)	30
1.2.6. Antologias e distinções públicas	36
2. O Mundo em que Vivi no quadro de uma ficção sobre o exílio	39
2.1. Inscrição e significação do eu em <i>O Mundo em que Vivi</i>	47
2.2. <i>O Mundo em que Vivi</i> – um caso de <i>crossover fiction</i>	68
3. A obra narrativa para a infância e a juventude de Ilse Losa	77
3.1. Narrativas de contornos realistas	77
3.1.1. <i>Faisca Conta a sua História</i> (1949)	82
3.1.2. <i>A Flor Azul e Outras Histórias</i> (1955)	85
3.1.3. <i>Um Fidalgo de Pernas Curtas</i> (1958)	94
3.1.4. <i>Mosquito e o Senhor Pechincha</i> (1966)	107
3.1.5. <i>Um Artista Chamado Duque</i> (1966)	111
3.1.6. <i>Beatriz e o Plátano</i> (1976)	115
3.1.7. <i>O Quadro Roubado</i> (1977)	119
3.1.7.1. «Dois Companheiros» (1977)	133
3.1.7.2. «Pepe, o Periquito» (1977)	137
3.1.7.3. «A visita ao padrinho» (1977)	139
3.1.8. <i>Na Quinta das Cerejeiras</i> (1981)	141
3.1.9. <i>O Expositor</i> (1983)	148
3.1.10. <i>O Senhor Leopardo</i> (1987)	157
3.2. Narrativas de contornos fantásticos ou do «imaginário»	161
3.2.1. <i>Bonifácio</i> (1980)	170
3.2.2. <i>A Estranha História de uma Tília</i> (1981)	173

3. 2. 3. <i>Silka</i> (1984)	180
3. 2. 3. 1. Categorização genológica da obra: a dimensão «fantástica»	181
3. 2. 3. 2. A parábola ao serviço de uma narrativa ideológica	185
3. 2. 4. <i>A Minha Melhor História</i> (1985)	193
3. 2. 5. <i>Ana-ana ou uma Coisa nunca Vista</i> (1986)	199
3. 2. 6. <i>Ora Ouve...</i> (1987)	208
3. 2. 6. 1. «O cão e o pardal»	210
3. 2. 6. 2. «A cozinheira espertalhona»	212
3. 2. 6. 3. «A omeleta»	215
3. 2. 6. 4. «Era uma vez...»	216
3. 2. 6. 5. «A senhora Neves»	218
3. 2. 7. <i>O Rei Rique e Outras Histórias</i> (1989)	220
3. 2. 7. 1. «O rei Rique»	220
3. 2. 7. 2. «O país da Cucanha»	225
3. 2. 7. 3 «Dandy»	232
3. 2. 7. 4. «Bisavô e bisavô»	234
3. 2. 7. 5. «A carta que Joana escreveu»	236
3. 2. 8. <i>Viagem com Wish</i> (1993)	237
4. A obra dramática para a infância e a juventude	243
4. 1. <i>O Príncipe Nabo da Nabolândia</i> (1962)	247
4. 2. <i>João e Guida</i> (1962)	260
4. 3. <i>A Adivinha – Peça em Quatro Quadros</i> (1967)	268
5. Lugar de Ilse Losa na Literatura para a Infância e a Juventude em Portugal	277
6. Conclusão	293
7. Bibliografia	295

I. Introdução

Dentro em pouco as duas folhas encher-se-iam de cores e de formas, a página tornar-se-ia como um relicário, fúlgida de gemas encastoadas naquele que seria depois o tecido devoto da escritura.

Umberto Eco (2002, p. 174)

O estudo *Escrita de Ilse Losa para a Infância e a Juventude* inscreve-se no programa de doutoramento em Estudos Portugueses, da Universidade dos Açores, e resulta de um processo reflexivo sobre o estatuto do sistema literário infantil, inerente a uma prática docente, nas suas componentes de lecionação e de investigação, e estimulado por uma formação em Literatura Comparada. A escolha da produção literária de Ilse Losa (Alemanha, 1913 – Porto, 2006) orientada para crianças e jovens advém do desafio colocado por José António Gomes¹ de reconhecimento de uma Obra literária² que, muito embora tenha obtido sucesso editorial e tenha sido distinguida com o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças (1984) e, catorze anos mais tarde, com o Grande Prémio de Crónica (1998) pelo livro *À Flor do Tempo* (1997), conta com poucos estudos críticos. Referimo-nos, sobretudo, a estudos que proponham uma leitura sistemática destes textos modalmente multifacetados – vertidos nos modos narrativo e dramático – e ambivalentes do ponto de vista da receção, ou seja, que analisem a Obra da Autora enquanto estrutura coerente em termos temático-ideológicos, genológicos e de processos narrativos e estilísticos. A este facto soma-se um segundo aspeto: a importância da escrita de Ilse Losa na constituição de um cânone da literatura infantil e juvenil portuguesa.

Em Portugal, os escassos trabalhos existentes sobre a obra para crianças e jovens da Escritora surgiram maioritariamente em forma de textos ensaísticos, relativamente

¹ Professor de Literatura Portuguesa e investigador da Escola Superior de Educação do Porto e especialista em Literatura para a Infância e a Juventude.

² Entendemos aqui «obra literária» como sinédoque de totalidade dos textos literários da Escritora – o que pressupõe uma análise dos textos que compõem esse conjunto assente numa dinâmica histórica e cultural.

breves, publicados em revistas. Mais copiosas se apresentam as notas e resenhas críticas, designadamente sobre os títulos não direcionados para um público infantil, saídas em jornais, suplementos e revistas.

Apesar da inegável importância e da qualidade crítica de que se revestem estas reflexões, não dão, porém, conta de uma leitura metodizada da Obra de Ilse Losa enquanto sistema, nem a inscrevem de forma clara numa moldura periodológica, nem tampouco confrontam as suas ideias/concepções sobre a escrita para a infância e a juventude com o conjunto de textos efetivamente produzidos. No que respeita a estudos académicos, verificamos igual insuficiência, registando-se três dissertações de mestrado³ e uma de doutoramento sobre *As Traduções de Ilse Losa no Período do Estado Novo: Mediação Cultural e Projecção Identitária*, afastando-se, assim, do âmbito dos Estudos Literários, em que o nosso trabalho de investigação se insere.

Com efeito, a partir dos anos 40 de Novecentos, Ilse Losa contribuiu, como tem vindo a apontar José António Gomes (1997), para a renovação da literatura infantil portuguesa, através de uma escrita que apresenta acentuadas preocupações de «realismo social». Deste ponto de vista, pretende-se determinar, através da análise dos títulos que compõem a Obra da Autora, a relação entre os textos e os movimentos/correntes literárias portuguesas (em especial o neorealismo) em termos de participação e/ou de pertença, e divisar as etapas evolutivas desse mesmo *corpus* textual. Numa fase inicial do percurso literário de Ilse Losa, observa-se uma certa dimensão social nos seus textos, acentuada pela atenção às classes sociais e à tensão entre elas – visão condicionada pelo tempo histórico-literário português que foi o da Autora –, aspetos que, porventura, se articulam também com certas tendências do realismo alemão novecentista, sobretudo do pós-guerra. Posteriormente, verifica-se como que uma obliteração desse realismo, superado através de incursões no maravilhoso e no alegórico e em outras tendências genológicas ausentes da sua poética inaugural.

A relação intertextual com textos procedentes da literatura oral tradicional

³ Referimo-nos aos estudos de Ana Isabel Marques, no âmbito da Imagologia e dos Estudos Culturais, *Paisagens da Memória. Identidade e Alteridade na Escrita de Ilse Losa* (Marques, 2001). Esta dissertação incide sobre questões da alteridade/estranheza inseridas nos binómios Alemanha/Portugal (leia-se Pátria/Estrangeiro) e imigração/exílio; de Maria Goretti Torres, *Figurações da Infância na obra de Ilse Losa* (Torres, 2006) – um estudo na área da Sociologia da Infância, e de Paulo Jorge Teixeira Cavaco, *A Representação do Holocausto em Ilse Losa* (Cavaco, 2012), dissertação orientada para os Estudos Multidisciplinares.

européia evidenciada em alguns livros, como, por exemplo, em *A Adivinha* (Losa, 1967), peça em quatro quadros, e em *O Príncipe Nabo* (Losa, 1962), peça em três atos, e, ainda que pertencente a uma categorização genológica diferente, em *Silka* (Losa, 1984), contribui para uma incontestável renovação na literatura infantil e juvenil portuguesa e representa, especialmente a nível do texto dramático, mais um traço distintivo na Obra de Ilse Losa.

Além disso, outra linha relevante deste estudo parte da consideração de que a Autora é, em meados do século XX, uma das primeiras a espelhar uma visão distinta sobre a criança e, conseqüentemente, uma visão inovadora e arejada sobre o conceito de literatura infantil, defendendo e praticando uma escrita literária despojada de «lirismo efeminado e falso, com carneiros brancos e pretos, em que os carneiros pretos têm de ser sempre castigados» (Losa, 1954, p. 141), como podemos ler em *Nós e a Criança*, volume relevante – juntamente com outros testemunhos divulgados na imprensa – para um melhor entendimento das ideias de Ilse Losa sobre este sistema literário particular que é o da literatura para a infância e a juventude.

Deste modo, os pequenos protagonistas das suas histórias são personagens que não se encontravam, à data, mapeadas na história da literatura infantil e juvenil portuguesa, ou seja, apresentam um perfil social e comportamental revelador de uma origem pobre e de uma infância desprotegida, até aí excluída da literatura considerada edificante. Este despojamento dos padrões deve-se – como tentaremos demonstrar – à influência de um neorrealismo literário e a toda uma visão imposta por um pós-guerra que destruiu o mito do paraíso infantil. A literatura deveria, portanto, no entender da Autora, aproximar a criança «dos problemas da vida, do mundo, do seu país» e «não só interessar a criança mas também o adulto» (Losa, 1954, p. 141).

Esta leitura crítica das obras literárias de Ilse Losa preferencialmente destinadas à infância e à juventude, incluindo o romance de receção transgeracional *O Mundo em que Vivi* (Losa, 1949), pretende, igualmente, estabelecer as coordenadas capitais da poética de Ilse Losa, para a apresentar enquanto sistema coerente, considerando os códigos estéticos que asseguram a unidade do texto literário (ideológico, temático, semântico-pragmático e retórico-estilístico) bem como os estímulos de natureza contextual, como a pertença/participação geracional do escritor e a época histórica em que a Obra foi gerada e cujos reflexos se difundem necessariamente nos textos.

Para o efeito, e considerando o *texto literário* como expressão de originalidade irrepetível e inesgotável, concebido e lido num momento histórico e social concreto, orientamos esta leitura crítica com opções metodológicas que passam forçosamente pela análise estrutural, pela semiótica e pela estilística⁴ – procedimentos cujo grau de aplicabilidade e de produtividade variam de acordo com as especificidades estéticas e comunicacionais dos textos em análise, ou seja, com a totalização dos estratos de natureza diversa (Ingarden, 1979) que organizam determinado texto ou, se quisermos, numa metalinguagem semiótica, com os diferentes «níveis de informação» (Eco, 2011) que no texto se articulam. No conjunto dos textos literários analisados, cuja análise e interpretação aqui propomos, consideramos ainda os contributos da narratologia, dos estudos sobre a escrita autobiográfica e sobre a intertextualidade, este último conceito desenvolvido a partir da proposta de Julia Kristeva (1974), mas seminalmente já presente nos trabalhos de Tynianov: «A existência dum facto como facto literário depende da sua qualidade diferencial (ou seja, da correlação com a série literária, ou então, com uma série extra-literária) – por outras palavras, depende da sua função» (Jenny, 1979, p. 12). De igual modo, e porque o texto, neste caso o literário, exige do leitor/crítico uma movimentação centrífuga e centrípeta, servimo-nos, sempre que necessário, das informações fornecidas pelas Histórias da Literatura, das Ideias e da Cultura.

O dinamismo criado por esses «mosaicos de citações» a que se refere Kristeva (1974), decorrente da projeção e da transformação, nos enunciados em análise, de textos conservados na memória do sistema literário (institucional e oral tradicional), compele, numa leitura que se pretende crítica, a um movimento centrífugo que nos leva ao interior de outros textos produzidos por autores também eles situados historicamente e participantes de um sistema de cultura preciso. Este movimento dinâmico e suas práticas – decorrentes da projeção e da transformação, nos enunciados em análise, de textos precedentes conservados na memória do sistema (institucional e oral tradicional) – configura, contrariando Kristeva, mais do que um elemento do texto entre outros ou uma

⁴ Tendo os Estudos Literários como objeto de estudo o texto literário e os fenómenos da constituição estética, consideramos não operante a separação das três disciplinas que conformam esta ciência – História, Teoria e Crítica –, na medida em que se relacionam numa lógica de interdependência. A leitura crítica não pode valorar a obra de arte literária ignorando os postulados da teoria e da história literárias. Da mesma forma, uma crítica competente deve deliberadamente selecionar, de acordo com o *corpus* em estudo, e dentre as teorias possíveis, os instrumentos operatórios que lhe permitam uma análise e uma interpretação cabais do texto literário.

modalidade de escrita, o movimento principal da comunicação literária (Samoyault, 2001, p. 29), exigindo, natural e consequentemente, uma crítica das fontes.

Em termos estruturais, o nosso trabalho apresenta seis secções. Na primeira, de carácter panorâmico e informativo, damos conta dos principais momentos da vida da Escritora, tendo sido nossa preocupação evitar excessos biografistas e considerar tão somente aspetos que enformam uma vivência histórica e sociocultural que permite um circuito de leitura aberto que vai «de l’oeuvre à l’auteur, pour se retourner sur l’oeuvre, et non de l’auteur à l’oeuvre, pour se renfermer sur l’auteur» (Doubrovsky, 1966, p. 220). Neste primeiro apartado, dedicamos ainda um espaço à apresentação global da Obra de Ilse Losa, considerando quer as narrativas de ficção para adultos quer a sua obra pedagógica e, ainda, a participação da Autora na vida cultural portuguesa e alemã, manifestada, esta última, pela intensa colaboração na imprensa periódica nacional e pelo trabalho de tradução do sistema linguístico português para o alemão e vice-versa; na segunda secção, o romance inaugural da Autora é objeto de uma leitura crítica que incide, numa primeira etapa, sobre a inscrição e a significação da voz enunciativa do discurso sobre o exílio e os obstáculos conceituais que inviabilizam uma classificação autobiográfica do romance que inaugurou a sua atividade de escrita em 1949 – *O Mundo em que Vivi*. Pela importância de que se reveste este livro na Obra literária da Escritora, pela novidade temática e pelo carácter ambivalente do texto em termos de receção, exploramos as condições estéticas e culturais que terão contribuído para a transposição do romance do sistema da literatura para adultos para o sistema infantil, num movimento a que Sandra Lee Beckett (2009) designou por *crossover fiction*; no terceiro capítulo, analisamos e interpretamos a obra narrativa de Ilse Losa para a infância e a juventude, que dividimos em narrativas de contornos realistas e de contornos fantásticos, de acordo com o maior ou menor grau de figuração ou representação literária do «real», isto é, de acordo com a relação de credibilidade que o *mundo de papel* estabelece com o *mundo empírico* do escritor e do leitor e com os mecanismos (internos e externos ao texto) de reconhecimento ou de rejeição dessa relação entre *mundos*; numa quarta secção, consideramos os textos dramáticos. O último capítulo, de pendor hermenêutico, que denominamos «lugar de Ilse Losa na literatura para a infância e a juventude em Portugal», constitui uma sistematização dos diferentes núcleos de sentido (técnico-compositivo, temático e ideológico) que constituem os textos analisados e suas relações.

Esta sistematização objetiva a confirmação dos aspetos estético-literários e dos mecanismos e situações sincrónicas de produção dos textos que nos levam a considerar a Obra de Ilse Losa participante da corrente estética neorrealista.

As obras narrativa e dramática, analisadas nos capítulos três e quatro, respetivamente, encontram-se dispostas por ordem cronológica de publicação. Esta opção metodológica, sem dúvida subjetiva, decorre de considerarmos necessária e produtiva a organização e fixação do *corpus* que forma o objeto de estudo desta dissertação – não podemos deixar de partilhar que o acesso à obra da Autora constituiu um processo demorado e complexo, devido, numa primeira fase, à dificuldade de localização física das edições em bibliotecas, porquanto foi necessário recorrer a livrarias-alfarrabistas e a acervos privados para a sua constituição, seguindo-se todo um trabalho de organização dos textos que, inicialmente, foram publicados, de acordo com a vontade da Autora, em coletâneas e, posteriormente, autonomizados em livro e vice-versa, por vezes com alterações textuais significativas. Parece-nos, pois, que, desta forma, se estabelece e se dá visibilidade a um friso cronológico cuja produtividade se revela em termos de uma maior e melhor compreensão diacrónica da evolução da Obra literária de Ilse Losa, justificando-se, assim, a ordenação apresentada no índice.